

TEATRO EXPERIMENTAL CANELINHA

APRESENTA

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

MEU QUERIDO

CORPO

DE

TODO

DIA



"PORQUE A LIBERDADE DE EXPRESSÃO É COMO UM
PÁSSARO QUE QUER...VOAR."

DIREÇÃO E CRIAÇÃO
tiago melo

Meu Querido Corpo De Todo Dia

MEU QUERIDO CORPO DE TODO DIA, espetáculo criado e dirigido por Tiago Melo e montado com o Teatro Experimental Canelinha, é uma mistura de textos, poemas, músicas, dança e expressão corporal em palco. Ato específico da mente do diretor e que são gerados pela forma estética.

O símbolo é o corpo, e o ligamento abstrato com a realidade é um fator indicativo de sua natureza.

O corpo participa do processo de criação do espetáculo, repetindo e reconstruindo o processo criativo que o originou.

As cenas mostram alguns verdadeiros motivos do corpo humano, "situações corporais" que acontecem todos os dias em todo universo. Mas a proposta PRINCIPAL de Tiago ao escrever esse roteiro é da liberdade de expressão.

Um espelho do cotidiano mostrado em cena, uma mensagem para depois de ver, parar, pensar e viver, isso é "Meu querido corpo de todo dia".

"A liberdade de expressão é como um pássaro que quer...voar."

T.M.

Considero os meus trabalhos no teatro como "minhas idéias malucas" trabalhadas com um grupo e lançadas num espaço mágico, que se transformam em arte para um público ver.

"O teatro é como um quadro abstrato, sem medo de ser perfeito."

T.M.

tiago melo

TIAGO MELO

Skien, 30 de novembro de 1995,
NORUEGA.

CENA 1

A BELEZA DO CORPO E A PRISÃO

Abrem-se as cortinas e no centro do palco aparecem duas mulheres parecidas como freiras banhando um menino. Uma segura um castical de velas e pétalas de rosas, a outra segura um jarro de água.

O menino é banhado delicadamente pelas mulheres, após veste uma roupa branca.

Tudo acontece como um ritual de purificação.

Então aparece um misterioso mascarado e com ele um pombo preso numa gaiola, ele exhibe o pássaro ao menino e deixa a gaiola no chão e some.

O menino possuído pelo forte olhar do mascarado é atraído à soltar o pombo, mas uma das mulheres impede-o, é levado para longe, mas mesmo assim o menino não tira os olhos do pássaro com o dever de libertá-lo.

Ao saírem apagam-se todas as luzes.

(A cena representa o milagre do corpo e a repressão que todos os corpos sofrem (pessoas) após entrarem no mundo.)

CENA 2

THE BODY OF CRAZINESS

Surge de uma das laterais um corpo ensacado ao ritmo de uma música de saxofone.

É um corpo de um louco enlouquecido para livrar-se dos panos.

Após muda a música e ele lentamente vai tomando liberdade, e vê que todo espaço ao seu redor é vazio e ele sente-se dono de tudo aquilo, transborda felicidade ao som de uma música tocada ao piano, sente-se um louco livre e feliz. Mas após a loucura vem buscá-lo novamente, ele corre para um foco de luz e começa sentir-se angustiado.

A loucura vai cada vez mais tomando conta de sua mente e é atraído pela luz de uma vela, tira a camiseta e começa derramar cêbo da vela sobre o corpo, imaginando que a luz poderia ser uma nova luz na sua vida. Mas a loucura cada vez mais vai se aproximando até ergue-lo e carrega-lo, ele nem se dá conta do que está acontecendo e é levado novamente para o lugar de onde veio, mas mesmo assim ele continua feliz e não larga da vela com esperanças de uma nova luz.

CENA 3

A UNIÃO DE DOIS CORPOS

Surge dos dois corredores da platéia ao som de flauta e tambor um padre, um noivo e com ele um bouquet de flores e os padrinhos.

Todos seguem em direção do palco ao ritmo da música, mas o noivo sem a noiva procura uma "candidata" na platéia, ele é muito simpático e logo conquista o coração de uma menina. Entrega o bouquet à ela e convida-a para subir ao palco para realizar a cerimônia de casamento; mas logo aparece a verdadeira noiva atrasada e ao ver seu noivo com outra menina começa chorar. Ele sem saber o que fazer, dividido entre dois corações, pede desculpas a menina e toma o bouquet de flores novamente e corre para o palco. A noiva volta à sorrir.

Então acontece a cerimônia. Após os convidados vão saindo de cena e juntamente o padre, os noivos são os últimos e ao saírem a noiva carregada pelo noivo atira seu bouquet para platéia. Apagam-se todas as luzes quando acabar a música.

(Todos estarão com nariz de palhaco, pois a cena representa o casamento, um "ritual universal" que só acontece essa união de duas pessoas quando existe amor ou por outros motivos... A semelhança entre palhaços é pela "imitação" que acontece todos os dias em todo universo, pois o "verdadeiro" casamento é aquele que tem padre, padrinhos, na igreja. Pois todos na verdade são uns palhaços, que imitam uns aos outros! Por que que para amar-se eternamente tem que unir dois corpos para sempre, ou seja, tem que casar?)

CENA 4

UM CORPO QUE GUARDO NA MEMÓRIA

Uma estudante, daquelas bem "originais", sempre apaixonada, cercada de cadernos, livros, bilhetinhos e cartas de amor.

Ela está deitada no chão (ao foco de uma luz rosa) escrevendo mais de uma de suas cartas para o seu "grande amor" atualmente.

Muito apaixonada e pensativa, pensa alto e decifra cada frase que põe no papel:

"É incrível a nossa história
Sem nenhuma prova concreta
Só palavras que voam com o vento
Imagens que eu guardo na memória
Um segredo inviolável
De uma paixão inflamável
Mas que nunca, nunca incendeia
Nem em noite de lua cheia
Às vezes passo dias inteiros
Imaginando e pensando em você
E eu fico com tantas saudades
Que até parece que eu posso ver...
Pode acreditar em mim
Você me olha
Eu digo: sim!
Mas eu nem sei, se sofro assim
O que eu quero é você prá mim."

(Nossa história, Fernanda Abreu)

Após ter escrito, num ato de plena felicidade, rola-se no chão e joga os papéis para o alto sorrindo.

CENA 5

*Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025*

CADA DIA QUE PASSA

A música serve como o pensamento na memória de todos. São pessoas que caminham numa calçada de uma grande cidade, onde todos são frios, ninguém se olha e nem percebem o que existe ao seu redor. Todos caminham em "câmara lenta".

Mas no fundo todas estas pessoas querem encontrar um alguém especial para mudar o marasmo do cotidiano, até ouvirem e verem uma mensagem de uma televisão e "voltarem ser pessoas normais", se observam mas não acham ninguém especial e veem que é mais um dia que passa.

"Cada dia que passa
É mais um dia que passa
Prá onde o destino me leva?
Eu não sei
Eu ando pela cidade, speed wearson
Pela cidade em Met5 cor de prata em alta velocidade
De dentro do meu carro eu vejo:
A chuva, o sol e o vento
E as luzes dando voltas na lagoa e eu penso:
A vida nem sempre é boa
Até por ruas mais estreitas ou por avenidas
Cruzando viadutos e túneis
Passam-se dias e noites
Rasgando os passos eu sinto o sol batendo em minha cara
Eu tenho a força e sou veloz num Met5 em alta velocidade
Em alta velocidade."

(Cada dia que passa, Fernanda Abreu)

Ao saírem todos de cena, a pessoa que adormeceu sobre a televisão acorda, observa ao seu redor, pega a televisão (carrega-a) e vai falando em passos lentos:

"As minhas pernas, já não sou mais eu que as cordenam,
Elas já seguem seu próprio caminho sozinhas, sem eu precisar pensar a direção.
Pois o meu caminho é sempre o mesmo. A mesma rua, as mesmas casas e prédios,
o mesmo horário e até as mesmas pessoas.
Se eu fechar os olhos, mesmo assim eu consigo ver tudo!
Já está tão gravado que os meus cílios são como antenas
que captam todos os atos do meu cotidiano.
Eu paro. Tento fugir, deixar minhas "pernas chefe" de lado.
Mas elas não deixam... me levam, mesmo eu não querendo.
Todo dia, todo dia, é a mesma coisa."

(Cotidiano, Tiago Melo)

CENA 6

MENSTRUACÃO

Uma menina olha-se na frente do espelho. Ela está indignada com seu corpo.
"Me olho na frente do espelho e vejo que já não sou mais a mesma, de ontem, de
de antes de ontem, do ano passado..."

Por quê? Por que estou mudando? Eu não pedi prá isso acontecer!
Meu corpo está desengonçado, meus seios estão crescendo, e ontem quando fui
tomar banho vi que a minha calcinha estava vermelha.
Só que quando eu olhei, não era só a calcinha, eram minhas pernas, virilhas, minha...
Fiquei louca ao ver todo aquele sangue, comecei chorar e corri nua ao quarto de mi-
nha mãe. Pedi se eu iria morrer, é grave?

Ela respondeu: "Não, hoje você se transformou uma menina-mulher."
Por quê? Por que precisa sair sangue prá virar...mulher?
O corpo se transforma, muda, cresce, e o sangue vai continuar saindo hoje e muitos outros dias da minha vida...
Também fiquei sabendo que esse sangue é um sinal que de dentro de mim pode nascer outro corpo! (Muito assustada)
Mas eu não quero! (Grita)
Não agora."
(Sinal, Tiago Melo)

CENA 7

ORGANISMO

A massa de pessoas em cena representa o organismo do corpo humano doente. Elas mostrarão o estado de dor e desespero. Até que surge o "medicamento" e faz com que a dor alivie, passe um pouco e volte ao normal. Mas o efeito vai passando e a dor volta novamente até que faça o corpo morrer.
No final o mesmo medicamento representa o corpo doente.
O corpo é colocado numa mesa e as pessoas vão se despedindo, como num velório, uma pessoa serve como cruz, que após saírem de cena fala:
"A vida é um milagre.
Cada flor com sua forma, sua cor, seu aroma,
cada flor é um milagre.
Cada pássaro com sua plumagem, seu voô, seu canto,
cada pássaro é um milagre.
O espaço infinito, o espaço é um milagre.
O tempo infinito, o tempo é um milagre.
A memória é um milagre;
A consciência é um milagre;
Tudo é milagre!
Tudo, menos a morte. Bendita a morte, que é o fim de todos os milagres."
(Milagre, Manuel Bandeira)

CENA 8

EU QUERO SENTIR O TEU CORPO PESANDO

Uma "bêbada chique", segurando uma taca de champagne, está meia que estérica, louca, largada pelo seu amor, o fim de um caso amoroso. Ela fala:
"Bem que se quiz
Depois de tudo ainda ser feliz
E já não há caminhos prá voltar
E o que que a vida fez da nossa vida?
E o que que a gente não faz por amor?
Mas tanto faz, já me esqueci de te esquecer porque...
O teu desejo é meu melhor prazer
E o meu destino é querer sempre mais
A minha estrada corre pró seu mar
Agora vem prá perto vem, vem depressa vem sem fim
Dentro de mim, que eu quero sentir o teu corpo pesando
Sobre o meu, vem meu amor, vem prá mim, me abraça devagar
Me beija e me faz te esquecer."

CENA 9

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

CORPOS SECOS

Ao som da típica seca nordestina do Brasil, uma mulher carregando galhos secos, pela ausência de flores, vem puxando um procissão que aparece logo atrás carregando uma Santa.

São todas pessoas tristes, "suadas e secas" que não cansam de esperar pelo o milagre de chuva cair. Desta vez, eles pedem ajuda à Santa padroeira e dançam para agradecer São Pedro que os vê lá do céu.

"A boiada seca
A enxurrada seca
A trovoadas seca
Na enxada seca
Segue seco sem sacar
Que o caminho é seco
Sem sacar que o espinho é seco
Sem sacar que o seco é o ser sol...
Sem sacar que algum espinhinho seco secará
E a água que sacar será um tiro seco
Secará o seu destino...seca...
Ó chuva vem me dizer
Se eu posso ir lá em cima prá derramar você
Ó chuva preste atenção
Se o povo lá de cima vive na solidão
Se acabar acostumando
Se acabar parar calado
Se acabar baixinho chorando
Se acabar meio abandonado
Pode ser lágrima de São Pedro
Ou talvez um grande amor chorando
Pode ser o desabotoado céu
Pode ser pouco meu amor..."

(Carlinhos Brown)

Após a procissão retirar-se, uma pessoa fica para trás, não perdendo as esperanças e ainda feliz por viver diz:

"Eu canto
Porque o instante existe
E minha vida está completa
Não sou alegre, nem sou triste
Sou poeta.
Irmão das coisas fugidias, não sinto gozo, nem tormento
Atravesso noites e dias no vento
Se desmorono ou se me edífico
Se permaneco ou me desfaco,
Não sei, não sei, não sei se fico ou passo
Sei que a canção é tudo, tem sangue eterno à asa ritmada
E sei que um dia estarei mudo,
Mais nada."

(Motivo, Cecília Meirelles)

CENA 10

UM CORPO PRÁ TODOS

Uma prostituta "antiga na praca" e satisfeita pelo seu trabalho, esperando por um freguês ao foco de uma luz vermelha fala:

"Ele é bonito. Não dá prá dizer que é feio; pois todo mundo gosta, inclusive eu.

É delicado, perfumado e bem curvado.

A boca é carnuda, até a saliva é boa. O nariz aspira todo aquele cheiro do suor.

O peito é um relevo que provoca prazer.

Na barriga, sempre é derramado um pouco de champagne, pois ele gosta de coisa fina e diferente.

Vai descendo... e não precisa falar mais nada! São dois "pontos irmãos". Ai como eu gosto... Como eu gosto do meu corpo... Eu amo tanto, gosto tanto e acho que sou muito gostosa prá guardar esse objeto de prazer só prá mim, só prá uma pessoa.

Não sou egoista, eu quero é todo mundo! (Grita e ri.) Um, dois, três... mil na minha cama, é lá e aqui que sou feliz!

Essa rua, é meu paraíso, e só saio daqui se um dia achar que "ele" envelheceu."

(Prá todo mundo, Tiago Melo)

CENA 11

UM CORPO DE PASSAGEM

Ao fundo da música servida como texto, pessoas vão surgindo das laterais carregando bagagens, sacolas, como fossem viajantes ou estando de passagem por algum lugar.

Uma dessas pessoas entrega uma flor para alguma pessoa da platéia por ser uma visita ou um intruso na "sua rua", tenta conquistar com um ato de lirismo.

"Eu não sou da sua rua

Eu não sou o seu vizinho

Eu moro muito longe sozinho

Estou aqui de passagem

Eu não sou da sua rua

Eu não falo sua língua

Minha vida é diferente da sua

Estou aqui de passagem

Esse mundo não é meu

Esse mundo não é seu."

(Eu não sou da sua rua, Marisa Monte)

CENA 12

ENCONTRO DE MOVIMENTOS E A INVEJA DOS CORPOS

As mesmas pessoas da cena anterior param no caminho. Então uma delas começa fazer som com os pés, um sapateado. Um as imitam produzindo o mesmo ritmo, as outras meia que envergonhadas vão começando sapatear também, até que do sapateado surge uma dança, um conjunto de movimentos.

Após muda a música, então param de dançar e começam tirar a roupa e guarda-las dentro das malas.

Todos se observam ao tirar a roupa, então começa surgir o ciúmes do corpo alheio, do corpo mais bonito, até que todos vão ficando com ódio do próximo e de si mesmo. Um tenta ser melhor que o outro, mas o ódio vai crescendo, eles vão ficando cada vez mais loucos e

egoistas e descarregam tudo isso numa só pessoa.

Depois vão embora e deixam-a jogada no chão. Ela com muito sacrifício tenta não sentir dor, viver mais um pouco e fala:

"Corre. Avisa prá todo mundo que eu voltei
Que tô aqui, mais vivo do que nunca
Que eu voltei prá contar tudo pelo que passei.
Não precisa ficar com pena.
Eu é que tenho pena dos que tem pena de mim.
Não precisa chorar, eu já chorei o bastante.
Perdi um pedaco pelo caminho dessa vida que nos mostra tantas surpresas.
Mas eu tô aqui! Não sei como, mas eu tô aqui, fedendo, machucado, quase que morto.
Agora pára de me olhar, deixa tua lágrima cair e some, me deixa aqui.
Se quiserem me socorrer, não nego ajuda, mas se eu morrer... morrerrei feliz, debaixo
Da luz do sol. Morrerei hoje.
Amanhã não tenho tempo, porque irei escutar a música de todos os martilhos.
E serei um largo osso satisfeito."

(Morrer satisfeito, Tiago Melo)

CENA 13

UM LARGO CORPO

Uma menina "gordinha" compra o vestido que está na moda.

Ela chega em casa comendo e vai com muita ansiedade experimentar o vestido novo. Ela experimenta o vestido num provador de roupas e dá um grito de ódio porque o vestido não serviu, nem entrou no seu corpo. Com muita raiva ela olha para o pacote de batatas fritas e outras comidas, joga tudo no chão, bem estérica, começa derrubar tudo o que vê pela frente. Após ela vê que não adiantou nada o esterismo e começa limpar tudo e arrumar as coisas chorando de ódio de seu corpo.

CENA 14

UM CORPO QUE NÃO VÊ

Um cego caminha como sempre pelas ruas e fala num foco de luz:

"Não precisa ficar triste e nem pensando: Nossa, coitado..."

Pois sou cego, e ainda sou feliz.

Por trás dos meus olhos eu enxergo um mundo todo especial, um mundo que vocês não veem.

Lá é cheio de borboletas que voam entre milhares de girassóis, mas o céu é escuro e nunca há sol.

Além de girassóis só tem o solo, um espelho muito grande e um corpo que nunca reflete sua imagem na frente do espelho.

Mas mesmo assim, esse corpo é feliz! Por ouvir o som de todos os dias do universo e poder viver em outro mundo, um mundo que é só dele.

Na verdade ele sente-se... privilegiado. Ele é feliz."

(Por trás dos meus olhos, Tiago Melo)

CENA 15

MEU QUERIDO CORPO DE TODO DIA

Uma pessoa num foco de luz fala:
"Foi numa noite de orgasmo que surgiu a luz.
Ficou preso num ventre esperando para ser solto como um pompo preso esperando
prá voar.
Foi sangrento, feio e vermelho, já banhado no primeiro dia.
Foi crescendo, mudando, engordando, machucando, secando...
Foi atraindo, atraído.
Meu corpo, quem és tu? De quem pertences? É meu?
Não posso voar por quê?
Se és tão perfeito, obra magnífica, milagre programado, te glorifico meu querido corpo
de todo dia.
Quero te usar, amar, sonhar, gozar cada dia, porque és meu, meu querido de todo dia."
(Meu querido corpo de todo dia, Tiago Melo)

CENA 16

A MENINA

A música serve como roteiro para uma menina de duas personalidades, que resolve
sair e curtir o seu corpo.
"Hoje é uma noite como outra qualquer
E na sua casa vemos uma menina
Uma menina muito interessante, mesmo que não pareça sua vida é dura
Hoje é uma noite qualquer
E lá está a menina parada e pensando
Sentindo as palavras indo e voltando
Sua mente trabalha, trabalha sem parar
Ela sabe que a noite é um grande negócio
Então decide sair e caminhar pelas ruas
Seu pensamento é interrompido pelo um som de um lugar não muito distante
SLA Radical, dancing disco club
É só ela entrar e se deparar
Com o ambiente requintado e cru
Um som vital, um ritmo quente, uma grande pista multi reluzente
Ela gosta de excitar seus sentidos
De ampliar seu poder de observação, seus tentam ver de tudo
E assim sua boca, sua mão e assim seu coração
E já não é uma noite como outra qualquer
E no centro da pista está a menina
Dancando, sorrindo e dancando
E seu corpo trabalha, trabalha sem parar."
(A menina, Fernanda Abreu)
A menina depois de ter descoberto um dom que possuía no seu corpo, começa trocar
olhares com um rapaz, até que ficam sozinhos na pista e cada um quer possuir o outro, com
gestos sensuais e excitados.
"Frases fulminantes cruzam o céu da sala
É fogo cruzado entre eu e você
No meio da fumaca, meus olhos vermelhos
E tudo o que eu desejo é uma prova de amor
Somos camicazis, camicazis do amor
Nos atiramos um prô outro sem salvação."

CENA 17

NÚ ARTISTICO

Uma pessoa que de modelo para ser pintada num quadro fala:

"Vai lá.

Pega aquele pincel desbotado, mergulha no tubo de tinta que eu tiro a roupa e faço pose.

Vai lá, pega aquela tela, pinta minhas curvas, pendura na parede e me faz gravura.

Agora, convida todo mundo, faz um coquetel que eu sirvo de motivo.

Me mostra, comenta, exhibe meu corpo nú para eles.

Depois, não adianta chorar, nem se arrepender, se preferio dinheiro do que eu na tua parede."

(A tela, Tiago Melo)

CENA 18

CORPO AFLITO

Primeiramente apenas uma pessoa em um foco de luz dança como num ritual afro, após surgem várias pessoas dançando. A primeira pessoa serve como líder, como um deus para o grupo.

No fundo ao alto, um menino negro "esperando o sinal", sentado e aflito sobre um foco de luz vermelha, ele é um escravo que fugiu do trabalho e tem medo de voltar.

Após o grupo sair de cena aparece uma lavadeira carregando uma trouxa sobre a cabeça caminhando em direção do menino. Ela representa para ele a "mãe, proteção e liberdade". Ao mesmo tempo surge o Bumba-Meu-Boi como um "anjo" para o garoto.

Logo das laterais surgem "caixas flutuantes" (o trabalho escravo e aflicção), elas são carregadas coreografadamente em fileiras, enquanto isso o menino é levado com a lavadeira, uma proteção. No fim da música todas as caixas desaparecem e o palco escurece.

"Vem de lá

A mal dos aflitos Mandiga multiplicação

O negão da cenzala pisa, pisador de pilão

No bagaco da cana oração Oxalá, eh, eh

Sou menino de rua esperando o sinal

Batuca...

É seguir novamente o mistério do Zapunzumbá

É tão grande, é tão bom, é levada, é uma procissão

Quem fizer merecer já guardou seu lugar, eh eh ah

Sou menino de rua esperando sinal

Ouro Milá bate Bumba-Meu-Boi

U-maracá bate fundo tambor

Oi oi oi timbaleiro

Oi oi oi timbalada."

(U-maracá, Timbalada)

CENA 19

ALGUM DIA

A cena é o último recado falado do espetáculo, a mensagem é dada por uma pessoa que simplesmente pode-se chamar de amadurecida, de saber o que é a vida.

Ela fala se despedindo do palco e seguindo em direção da porta de saída do teatro.

"Chegará o dia
em que os antropófagos devorem
suas próprias cabeças.
Chegará o dia
em que será diferente
de como sou.
Chegará o dia
em que os sapos
aplastem nas pedras.
Chegará o dia
em que serás idêntica
a si mesma."

(Algum dia, Thomas Borges)

CENA 20

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-024

A LIBERDADE

O mascarado volta novamente com o pombo ainda preso. Larga-o no chão e espera que alguém venha libertá-lo. Logo aparece o menino da primeira cena, só que agora adulto e com o dever de acabar com o pássaro. O mascarado vai embora.

O menino representa todas as pessoas com "medo", pessoas que se deixam trair seu futuro, a sua vida, vivendo na repressão, como uma pulga entre elefantes, ou como soldado de exército, onde todos seguem ordens e todos são iguais. Uma pessoa com medo de ser diferente, de poder soltar um grito e dizer: _Eu sou livre, quero ser mais eu, quero apenas ser feliz!

O pombo representa todas as pessoas "diferentes", ou seja, pessoas que não têm medo de viver pensando no que os outros falem, que sabem o que é viver intensamente, mas o preconceito que o faz preso.

O menino segue em direção do pássaro, no meio do caminho aponta a arma mas a SUA opinião fala mais alto na consciência, ele segue o seu pensamento e não o dos outros.

Num grito que o "liberta e purifica" ele diz: _Não. Deixa cair a arma e cai no chão.

Emocionado ele corre até a gaiola, pede desculpas ao pombo e o liberta. Então ele sente-se livre, leve, solto, LIMPO e principalmente feliz. Dança no espaço vazio, tira a roupa e toma novamente um banho de purificação. Mas dessa vez, para viver o resto dos seus dias intensamente feliz.

FIM

**"...E A COISA MAIS DIVINA QUE
HÁ NO MUNDO É VIVER CADA
SEGUNDO COMO NUNCA MAIS."**

VINÍCIUS DE MORAES